



DRINQUE PARA TRÊS

MADELEINE WICKHAM

*Meus agradecimentos a minha agente  
Araminta Whitley, a Linda Evans  
e a Sally Gaminara; e a todos da  
Transworld, pelo constante entusiasmo e  
incentivo durante a elaboração deste livro.  
Aos meus pais e irmãs, pelo apoio permanente  
e encorajador; e aos meus amigos Ana-Maria  
e George Mosley, por estarem sempre por perto  
com uma coqueteleira à mão. E finalmente ao  
meu marido Henry, sem o qual este trabalho não  
seria possível, e a quem dedico este livro.*

## CAPÍTULO UM

Candice Brewin abriu a pesada porta de vidro do Manhattan Bar e logo se viu arrebatada pela atmosfera familiar de calor, barulho, luz e agitação. Eram seis horas da tarde de uma quarta-feira, e o lugar já estava quase cheio. Garçons usando gravatas-borboletas em tom verde-escuro deslizavam sobre o piso claro e lustroso, levando drinques às mesas. No bar, garotas usando vestidos sensuais, com os olhos brilhantes e ansiosos, examinavam o salão. Em um canto, um pianista tocava, apaixonadamente, peças de Gershwin, quase abafadas pelo zumbido do falatório urbano.

Este lugar está começando a ficar muito badalado, pensou Candice, ao tirar o casaco. O Manhattan Bar era um local pequeno e tranquilo, perfeito para encontros discretos, na época em que ela, Roxanne e Maggie o descobriram, praticamente por acaso, procurando um lugar para tomar um drink depois de um dia de trabalho particularmente extenuante. Na época, ainda era escuro, com uma aparên-

cia antiquada, bancos gastos e um mural meio descascado do horizonte de Nova York. Os clientes eram poucos e silenciosos; em sua maioria, cavalheiros de meia-idade com acompanhantes bem mais jovens. Na ocasião, Candice, Roxanne e Maggie, numa atitude despudorada, pediram uma rodada de coquetéis. Seguiram-se outras rodadas de drinques e, antes do final da noite, elas haviam concluído, entre crises de risos, que o lugar tinha um charme inusitado e por isso merecia ser frequentado. Assim nasceu o clube do coquetel mensal.

Porém, após ser ampliado, reinaugurado e elogiado em todas as revistas de moda, o local mudara completamente. Agora, era invadido por uma multidão jovem e atraente todas as noites, após o trabalho. Celebidades eram vistas ali. Até os garçons pareciam modelos. Elas precisavam encontrar outro lugar. Um lugar menos cheio, menos óbvio, pensou Candice, após entregar o casaco à atendente do guarda-volumes e receber uma ficha prateada estilo art déco.

No entanto, ela sabia que nunca fariam isso. Já frequentavam o bar havia muito tempo; compartilharam muitos segredos entre as inconfundíveis taças congeladas de martini. Qualquer outro lugar iria parecer estranho. Todo dia primeiro de cada mês, o rumo era o Manhattan Bar.

Ela se olhou em um espelho em frente ao guarda-volumes, para verificar se seu cabelo curto estava arrumado e sua maquiagem — ou o pouco que restara dela — não estava borrada. Usava uma camiseta verde-clara sob um conjunto preto básico de calça e blazer — não chegava a ser o máximo do glamour, mas estava bom o bastante.

Em seguida, examinou rapidamente as mesas, mas não viu Roxanne nem Maggie. Embora trabalhassem no mesmo

lugar — no editorial da *Londoner* —, raramente saíam juntas do trabalho. Para começar, Roxanne era freelancer e parecia usar o escritório apenas para fazer ligações interurbanas para organizar sua próxima viagem ao exterior. E Maggie, como editora da revista, muitas vezes precisava ficar até mais tarde em reuniões.

Mas hoje não, pensou Candice, olhando o relógio. Hoje, Maggie tinha todas as razões para sair quando quisesse.

Ela endireitou o blazer com as mãos e, ao ver um casal deixar uma das mesas, se apressou. O jovem mal se levantara da cadeira e ela imediatamente ocupou seu lugar, sorrindo agradecida. Se quisesse arranjar uma mesa no Manhattan Bar, não dava para vacilar. E as três sempre conseguiam. Era parte da tradição.

MAGGIE PHILLIPS PAROU na porta do Manhattan Bar, pôs a enorme sacola cheia de bichinhos de pelúcia coloridos no chão e puxou, sem a menor cerimônia, a meia de gestante que estava enrugada nas pernas. Mais três semanas, pensou, dando um último puxão. Mais três semanas usando essas coisas incômodas. Em seguida, respirou fundo, pegou a sacola e empurrou a porta de vidro.

Assim que entrou, o barulho e a multidão a deixaram tonta. Ela se apoiou na parede e ficou imóvel, tentando não perder o equilíbrio enquanto piscava os olhos, tentando se livrar dos pontinhos pretos que giravam à sua frente.

— Você está bem, querida? — perguntou alguém à sua esquerda. Maggie se virou e, quando sua visão voltou ao normal, viu o rosto amável da atendente do guarda-volumes.

— Estou — respondeu ela com um sorriso nervoso.

— Tem certeza? Quer um pouco d'água?

— Não, obrigada. Está tudo bem. — Na tentativa de provar que realmente não havia nada de errado, ela se esforçou para tirar o casaco e percebeu, constrangida, o olhar atento da moça para sua barriga. Em se tratando de roupa de gestante, sua calça legging e túnica preta tinham um caimento perfeito. Mas, mesmo assim, ali estava ela, bem à sua frente, aonde quer que ela fosse: uma protuberância do tamanho de um balão de hélio. Ao entregar o casaco, Maggie deu de cara com o olhar fixo da atendente.

Se ela me perguntar para quando é o bebê, pensou, juro que vou sufocá-la com o Tinky Winky.

— Para quando é o bebê?

— Vinte e cinco de abril — respondeu Maggie com um sorriso alegre. — Daqui a três semanas.

— A malinha já está pronta? — perguntou a moça com uma piscadela. — Não vai deixar para a última hora, não é? — Maggie sentiu a pele começar a formigar. Não era da conta de ninguém se ela havia feito a malinha ou não. Por que todo mundo insistia em *perguntar* sobre isso? Mais cedo, quando estava almoçando, um estranho se aproximou dela no restaurante, apontou para o vinho que ela estava bebendo e, em tom de brincadeira, disse: “Que coisa feia!” Ela quase atirou a taça nele.

— É o primeiro — acrescentou a moça sem o tom de interrogação.

Será que é tão óbvio, pensou Maggie. Será que é tão evidente para todo mundo que eu, Maggie Phillips — ou Sra. Drakeford, como sou conhecida na clínica —, praticamente jamais toquei em um bebê? Quanto mais dar à luz a um.

— Sim, é o meu primeiro — respondeu ela, estendendo a mão para receber a ficha prateada e sair dali o mais rápido

possível. Mas a mulher continuava olhando afetuosamente a barriga de Maggie.

— Eu tive quatro — disse ela. — Três meninas e um menino. E em todas as vezes, as primeiras semanas foram a melhor fase. Você deve desfrutar esses momentos, querida. Não fique ansiosa para passar logo.

— Eu sei. — Maggie ouviu-se dizendo, com um sorriso falso.

Eu não sei coisa nenhuma!, gritou para si mesma. Não sei nada sobre isso. Eu sei diagramar uma página e aprovar orçamentos. Ah, meu Deus. O que estou fazendo?

— Maggie! — Uma voz interrompeu seus pensamentos, e ela se virou. O rosto alegre e redondo de Candice se abria em um largo sorriso. — Sabia que era você! Já garanti uma mesa para nós.

— Ótimo! — Maggie acompanhou Candice através da multidão, abrindo caminho por onde passava com sua enorme barriga, despertando olhares curiosos. Não havia outra grávida no bar. Ali, ninguém sequer era gordo. Para onde quer que olhasse, só via garotas com abdomens chapados, pernas esguias e peitos durinhos.

— Está bom aqui? — perguntou Candice, puxando cuidadosamente uma cadeira para ela. Contendo-se para não dizer, de forma ríspida, que não estava doente, Maggie se sentou.

— Podemos fazer o pedido? Ou vamos esperar por Roxanne?

— Ah, não sei — respondeu Maggie de mau humor, dando de ombros. — Melhor esperar, eu acho.

— Você está se sentindo bem? — indagou Candice, curiosa. Maggie suspirou.

— Eu estou bem, apenas cansada de estar grávida. Cansada de ficar sendo encorajada, acariciada e tratada como uma aberração.

— Aberração? — admirou-se Candice. — Maggie, você está ótima!

— Ótima para uma gorda.

— Está ótima e ponto final — afirmou Candice. — Ouça, Maggie, há uma grávida que mora em frente à minha casa. Vou dizer uma coisa, se ela visse sua aparência, morreria de inveja.

Maggie riu.

— Candice, eu adoro você. Sempre diz a coisa certa.

— É verdade! — Candice pegou o cardápio de couro verde, comprido e com um pendão prateado. — Vamos dar uma olhada, de qualquer maneira. Roxanne não irá demorar.

NO BANHEIRO FEMININO do Manhattan Bar, Roxanne Miller inclinou-se para a frente e cuidadosamente delineou a boca com um lápis cor de canela. Depois, pressionou os lábios, afastou-se do espelho e, com ar crítico, examinou o próprio reflexo, começando — como sempre fazia — pelos pontos favoráveis: maçãs do rosto, perfeitas. Maçãs do rosto sempre se destacam. Olhos azuis um pouco inchados; pele bronzeada, resultado de três semanas no mar do Caribe. Nariz ainda grande e torto. Cabelo loiro-acastanhado, caindo em cascata de um prendedor de contas, talvez de modo selvagem demais. Então, pegou uma escova na bolsa e começou a ajeitá-lo. Como de costume, ela estava usando uma camiseta branca. Em sua opinião, nada realçava mais o bronzeado do que uma camiseta básica branca. Em seguida, guardou a escova e sorriu, involuntariamente, satisfeita com a própria aparência.



Nesse momento, alguém deu descarga, e a porta do cubículo se abriu. Uma garota de uns 19 anos saiu e parou ao lado dela para lavar as mãos. Sua pele era clara e macia; os olhos, apáticos e sonolentos; o cabelo, liso como as franjas de um abajur, ia até a altura dos ombros; boca tinha cor de ameixa. Não estava usando nenhuma maquiagem. Seus olhares se encontraram e a garota sorriu, saindo em seguida.

Quando a porta da vaivém se fechou atrás dela, Roxanne ainda se olhava no espelho. De repente, sentiu-se uma perua gorda. Uma mulher de 33 anos forçando a barra. Imediatamente, toda a animação sumiu de seu rosto. Sua boca se curvou para baixo, e o brilho dos olhos desapareceu. Com ar de censura, começou a examinar as pequenas veias vermelhas que marcavam a pele de suas bochechas. Danos do sol, como são conhecidas. Mercadoria danificada.

Então, ouviu um barulho na porta e se virou rapidamente.

— Roxanne! — Maggie vinha em sua direção com um largo sorriso. Seu cabelo castanho curto brilhava sob a luz do refletor.

— Querida! — exclamou Roxanne, sorrindo e enfiando o estojo de maquiagem na bolsa Prada. — Eu estava dando um retoquezinho.

— Você não precisa disso — comentou Maggie. — Olhe este bronzeado!

— Isso é o sol do Caribe, se você quer saber — disse Roxanne.

— Não diga nada — pediu Maggie, tapando os ouvidos. — Não quero saber. Não é nem um pouco justo. Por que eu nunca fiz uma única reportagem de turismo quando era editora? Acho que eu era louca! — Ela fez um gesto com

a cabeça em direção à porta. — Vá se juntar à Candice. Estarei lá em um minuto.

QUANDO ENTROU NO bar, Roxanne viu Candice sozinha, lendo o cardápio de coquetéis, e um sorriso involuntário veio aos seus lábios. A amiga parecia não mudar nunca, aonde quer que fosse ou com o que quer que usasse. Sua pele tinha um aspecto aveludado e parecia estar hidratada constantemente; o corte de cabelo era sempre o mesmo: curto e elegante; e as covinhas marcavam suas bochechas quando ela sorria. E ela sempre erguia a cabeça com os mesmos olhos grandes e confiantes. Não me surpreende que seja uma entrevistadora tão boa, pensou Roxanne afetuosamente. As pessoas devem se sentir vulneráveis diante de um olhar amistoso como este.

— Candice! — chamou ela, esperando a amiga parar, erguer a cabeça, avistá-la e abrir o largo sorriso.

É uma sensação estranha, pensou Roxanne. Ela podia passar por vários bebês adoráveis em seus carrinhos e não ter sequer uma única reação maternal. Mas às vezes, olhando para Candice, sentia uma angústia no coração; uma necessidade inexplicável de proteger essa garota de rosto redondo e expressão inocente e pueril. Mas proteger do quê? Do mundo? De estranhos misteriosos e maldosos? Aquilo era extremamente ridículo. Afinal, qual era a diferença de idade entre elas? Quatro ou cinco anos, no máximo. Na maior parte do tempo, nem parecia haver diferença — embora, algumas vezes, Roxanne se sentisse uma geração mais velha.

Ela foi até a mesa e deu dois beijinhos em Candice.

— Já fez o pedido?

— Estou só olhando — respondeu Candice, apontando para o cardápio. — Não consigo decidir entre um Summer Sunset e um Urban Myth.

— Peça o Urban Myth — sugeriu Roxanne. — O Summer Sunset é rosa brilhante e vem com um guarda-chuva.

— Jura? — Candice franziu a testa. — E isso faz alguma diferença? O que você vai beber?

— O de sempre, marguerita. Vivi de margueritas durante minha estada em Antígua — respondeu Roxanne. Ela ia pegar um cigarro, mas lembrou-se de Maggie e desistiu. — Margueritas e sol. É tudo que alguém precisa.

— Então... como foi a viagem? — perguntou Candice, inclinando-se para a frente com os olhos brilhando de curiosidade. — Algum garotão desta vez?

— O suficiente para me deixar satisfeita — respondeu Roxanne, com um sorriso malicioso. — Particularmente um, com quem saí pela segunda vez.

— Você é terrível! — disse Candice.

— Pelo contrário — retrucou Roxanne. — Sou muito boa. Por isso eles gostam de mim. Por isso voltam.

— E como fica o... — Candice parou, constrangida.

— O “Sr. Casado com Filhos”? — completou Roxanne levemente.

— É — respondeu Candice, enrubescendo. — Ele não se incomoda quando você...?

— O “Sr. Casado com Filhos” não tem permissão para se incomodar — explicou Roxanne. — Afinal, ele tem esposa. Nada mais justo, concorda? — Seus olhos brilharam como se proibissem mais perguntas, e Candice ficou em silêncio. Roxanne sempre evitava falar a respeito do “Sr. Casado”. Ela mantinha esse relacionamento desde que Candice a conhecesse,

mas se recusava terminantemente a divulgar-lhe a identidade, ou mesmo qualquer detalhe a respeito dele. Candice e Maggie chegaram a conjecturar, de brincadeira, que deveria ser alguém famoso — um político, talvez — e certamente rico, poderoso e sexy. Sabiam que Roxanne nunca perderia tempo com alguém medíocre. No entanto, não tinham tanta certeza de que ela realmente estava apaixonada. Sempre parecera tão irreverente, quase insensível, quando falava do relacionamento, que dava a impressão de que era ela quem o usava.

— Bom, me desculpe — disse Roxanne, pegando novamente o cigarro. — Tentei evitar por causa do bebê, mas vou ter que fumar.

— Ah, não se incomode — disse Maggie, surgindo atrás dela. — Com certeza não pode ser pior do que poluição. — Ao se sentar, ela fez sinal para uma garçonete. — Oi. Gostaríamos de fazer os pedidos.

QUANDO A MOÇA loira de colete verde se aproximou de forma ágil, Candice a fitou com curiosidade. Observou o cabelo ondulado, o nariz arrebitado, os olhos acinzentados rodeados por olheiras de cansaço. Havia algo de familiar naquela garota, até mesmo o jeito com que ela retirava o cabelo dos ombros. Onde ela a vira antes?

— Algum problema? — perguntou a garota educadamente, e Candice corou.

— Não. Claro que não. Huum... — Ela abriu o cardápio novamente e correu os olhos pela lista, sem prestar atenção. O Manhattan Bar tinha mais de cem tipos de coquetéis; às vezes ela achava que eram opções demais. — Um Mexican Swing, por favor.

— Uma marguerita — pediu Roxanne.

— Ah, meu Deus, não sei o que vou querer — disse Maggie. — Eu tomei vinho no almoço...

— Que tal um Virgin Mary? — sugeriu Candice.

— De jeito nenhum — respondeu Maggie com uma careta. — Ah, dane-se. Um Shooting Star.

— Boa escolha — disse Roxanne. — Deixe que o bebê se acostume com um pouquinho de álcool. E agora... — Ela Tateou dentro da bolsa. — É hora de presente!

— Para quem? — perguntou Maggie, erguendo os olhos, surpresa. — Não para mim. Já recebi um *montão* de presentes hoje. Demais. Além de uns 5 mil cupons de desconto para comprar artigos de bebê na Mothercare...

— Cupons da Mothercare? — desdenhou Roxanne. — Isso não é presente! — Ela retirou da bolsa uma pequena caixa azul e a colocou sobre a mesa. — Isto sim é um presente.

— Tiffany? — disse Maggie, surpresa. — É mesmo? Tiffany? — Abriu a caixa com as mãos inchadas e gestos desajeitados e, cuidadosamente, retirou um objeto prateado de uma pequena sacola. — Não acredito! Um chocalho! — Ela o sacudiu, e todas sorriram, encantadas.

— Me deixe tentar! — pediu Candice.

— Este será o bebê mais elegante do bairro — declarou Roxanne com ar de satisfação. — Se for menino, vou comprar abotoaduras para combinar.

— É lindo — admirou-se Candice, fitando o brinquedo. — Ele faz o meu presente parecer meio... Bem, enfim. — Ela pousou o chocalho na mesa e começou a vasculhar a bolsa. — Está aqui em algum lugar...

— Candice Brewin! — disse Roxanne em tom de acusação, enquanto olhava por cima do ombro da amiga. — O que é isso na sua bolsa?

— O quê? — perguntou Candice com ar de culpa.

— Mais panos de prato! E uma esponja. — Roxanne puxou os objetos ridículos da bolsa de Candice e os ergueu. Havia dois panos de prato azuis e uma esponja amarela, embrulhadas em um pedaço de papel celofane, no qual se lia: “Associação de Apoio aos Jovens.” — Quanto você pagou por isto? — perguntou Roxanne com firmeza.

— Não muito — respondeu Candice imediatamente. — Quase nada. Mais ou menos... 5 libras.

— Isso significa dez — disse Maggie, revirando os olhos. — O que vamos fazer com ela? Candice, a esta altura você já deve ter comprado todo o maldito estoque!

— Bem, panos de prato são sempre úteis, não são? — justificou-se Candice, ruborizando. — Além do mais, me sentiria tão mal se recusasse.

— Exatamente — disse Maggie. — Você não recusa porque acha que é por uma boa causa. Você faz porque, se não fizer, se sentirá mal consigo mesma.

— Bem, não é a mesma coisa? — replicou Candice.

— Não — respondeu Maggie. — Uma é positiva e a outra, negativa. Ou... algo assim. — Ela fez uma careta. — Ah, meu Deus, agora estou confusa. Preciso de um drinque.

— Não importa — disse Roxanne. — O negócio é o seguinte: chega de panos de prato.

— Tudo bem, tudo bem — assentiu Candice, enfiando os pacotes de volta na bolsa apressadamente. — Chega de panos de prato. E aqui está o meu presente — acrescentou, entregando um envelope à Maggie. — Pode usá-lo quando quiser.

Houve silêncio na mesa quando Maggie abriu o envelope e retirou um cartão cor-de-rosa.

— Uma massagem de aromaterapia — leu ela, surpresa e em voz alta. — Você comprou uma massagem para mim!

— Achei que você iria gostar — disse Candice. — Pode usar antes de ter o bebê, ou depois... Eles vão à sua casa, você não precisa se deslocar... — Maggie ergueu a cabeça com os olhos lacrimejantes.

— Sabe, este é o único presente realmente para mim. Para *mim*, em vez de para o bebê. — Ela inclinou-se por cima da mesa e abraçou Candice. — Obrigada, querida.

— Nós vamos sentir sua falta — declarou Candice. — Não fique afastada muito tempo.

— Bem, vocês terão que me visitar! — disse Maggie. — E visitar o bebê.

— Em sua propriedade rural — disse Roxanne em tom sarcástico. — No “Lar da Sra. Drakeford” — acrescentou, sorrindo para Candice, que tentou não rir.

Quando Maggie anunciou, um ano antes, que ela e o marido Giles iriam se mudar para uma casa de campo, Candice acreditou. Ela imaginou uma casinha graciosa, com pequenas janelas arqueadas e um jardim murado, em um vilarejo.

A realidade acabou sendo bem diferente. Na verdade, a nova casa de Maggie ficava no final de uma rua comprida e arborizada. E tinha oito quartos, uma sala de bilhar e uma piscina. O fato é que Maggie era casada com um milionário.

— Você nunca nos contou! — dissera Candice em tom de acusação, quando elas estavam na enorme cozinha, tomando um chá preparado no igualmente enorme fogão Aga. — Você nunca nos contou que era cheia da grana!

— Não somos cheios da grana! — replicara Maggie de forma defensiva, balançando a caneca da tradicional marca

de louças Emma Bridgewater. — A casa apenas... parece maior porque fica no campo. — Nunca mais permitiram que ela esquecesse esse comentário.

— Apenas parece maior... — lembrou Roxanne com uma risada. — Apenas *parece* maior...

— Ah, parem com isso — pediu Maggie, aceitando a brincadeira. — Olhem, estão trazendo os nossos drinques.

A garota de cabelo loiro se aproximava, equilibrando três taças em uma bandeja de prata. Uma marguerita com um círculo congelado na borda; um uísque com soda decorado com uma fatia de limão; uma taça de champanhe enfeitada com um morango.

— Bem elegante — murmurou Roxanne. — Nada de cerejas.

A garota pousou os drinques nos porta-copos, colocou uma bandeja de prata com amêndoas salgadas e, discretamente, a conta, em uma pasta de couro verde, sobre a mesa. Quando ela se ergueu, Candice olhou novamente para seu rosto, tentando puxar pela memória. Ela a conhecia de algum lugar. Estava certa disso. Mas de onde?

— Obrigada — disse Maggie.

— De nada — respondeu a garota, sorrindo. Foi então que Candice se lembrou, imediatamente, de onde a conhecia.

— Heather Trelawney — disse ela em voz alta, antes que pudesse se controlar. E quando a garota se virou, lentamente, na sua direção, ela se arrependeu profundamente de ter feito aquilo.